

Assombro, transgressão e falsificação na estética de combate bolsonarista: armas discursivas e produção visual na vitória da extrema-direita em 2018

Haunting, transgression and forgery in Bolsonaro supporters' aesthetics of combat: discursive weapons and visual production in the victory of the far right in 2018

Pedro Fiori Arantes

Professor do curso de História da Arte da Escola de Filosofia, Letras, Ciências Humanas-EFLCH da Universidade Federal de São Paulo-Unifesp.

Isabel Barboza

Mestranda do Programa de Pós-Graduação de História da Arte da Unifesp.

Alexandre Vilas Boas

Doutorando do Programa de Pós-Graduação de História da Arte da Unifesp.

André Okuma

Doutorando do Programa de Pós-Graduação de História da Arte da Unifesp.

RESUMO

Neste artigo analisamos diferentes tipologias do que denominamos *estética de combate* da *guerrilha cultural* da extrema-direita, artilharia de comunicação microbiana e viralizada que operou em 2018 com eficiência ideológica e eleitoral. O conjunto de imagens, objetos e performances que problematizamos, do kit gay e mamadeira de piroca ao Ramonaro e Capitão B, passando pelas performances de rua de celebração da prisão de Lula e do assassinato de Marielle, é fruto de uma máquina de subjetivação reacionária assombrosa. Estamos diante de um regime discursivo e visual que constrói fábulas de adesão e regressão; reitera paranoias, conspirações e recalques; e dissemina ódio, misoginia, homofobia e racismo. Seja pelo heroísmo falsificado, objetos escatológicos ou performances sádicas, esse conjunto estético-político revela um desejo de retorno a uma ordem repressora e moralista capaz de exterminar o inimigo interno, os corpos insurgentes e desconformes, que ameaçam a pátria e a família.

PALAVRAS-CHAVE: *Guerrilha cultural; Estética de combate; Fábulas regressivas; Performance; Falsificação.*

ABSTRACT

In this article, we analyze different typologies of what we call the *combat aesthetics* of the *cultural guerrilla* of the Brazilian far right, and its viral communication artillery that operated in the 2018 presidential election with ideological and political efficiency. The set of images, objects and performances that we discuss - from the so-called 'gay kit' and its 'dick baby bottle' ("mamadeira de piroca") to 'Rambonaro' and 'Captain B', to street performances celebrating the arrest of former President Lula and the brutal murder of Rio de Janeiro's city councilor Marielle Franco — is the result of an astounding reactionary subjectivation machine. We are facing a discursive and visual regime that builds fables of adhesion and regression; reiterates paranoia, conspiracies and repressions; and spreads hatred, misogyny, homophobia and racism. Whether through counterfeit heroism, eschatological objects or sadistic performances, this aesthetic-political set reveals a desire to return to a repressive and moralistic order which serves to be capable of exterminating the internal enemy, the insurgent and nonconforming bodies that threaten the homeland and the family.

KEYWORDS: *Cultural guerrilla; Combat aesthetics; Regressive fables; Performance; Falsification*

RESUMEN

En este artículo analizamos diferentes tipologías de lo que llamamos *estética de combate* de la *guerrilla cultural* de ultraderecha, artillería de comunicación microbiana y viralizada que operó en 2018 con eficacia ideológica y electoral. El conjunto de imágenes, objetos y performances que problematizamos, desde el kit gay y la botella de pito hasta Rambonaro y el Capitán B, pasando por performances callejeras celebrando la detención de Lula y el brutal asesinato de Marielle, es el resultado de una asombrosa máquina reaccionaria de subjetivación. Estamos ante un régimen discursivo y visual que construye fábulas de adhesión y regresión; reitera paranoia, conspiraciones y represiones; y propaga el odio, la misoginia, la homofobia y el racismo. Ya sea a través del heroísmo falsificado, los objetos escatológicos o las actuaciones sádicas, este conjunto estético-político revela el deseo de volver a un orden represivo y moralista capaz de exterminar al enemigo interno, los cuerpos insurgentes e inconformes que amenazan la patria y la familia.

PALABRAS CLAVE: *Guerrilla cultural; Estética de combate; Fábulas regresivas; Performance; Falsificación.*

Submetido em 10 de Junho de 2021

Aceito em 24 de Setembro de 2021

Introdução

A vitória surpreendente de Bolsonaro, Witzel e figuras similares, com suas tropas de militantes alimentando pulsões regressistas e revanchistas, deu-se em grande medida graças às capacidades discursivas e visuais de arregimentação pela extrema direita, subestimadas por seus adversários. A artilharia de comunicação microbiana e viralizada que vimos operando em 2018 (e nos anos anteriores), é fruto de uma máquina de subjetivação reacionária, excitada e paranoica que vinha sendo montada em redes sociais e na *deep web* há uma década ou mais, dentro e fora do Brasil¹. Esse sistema massivo e pulverizado de produção e circulação de imagens e materiais de comunicação, sem compromisso algum com a verdade, com a multiplicação de materiais de agitação, propaganda e histeria conectadas em "correntes" teve um efeito incendiário e fulminante.

A operação, a princípio, não foi comandada por uma equipe de publicitários da campanha oficial, mas descentralizada em pequenas *bibocas digitais*² produtoras de símbolos, *slogans*, vídeos e memes que preparavam munições e multiplicavam mensagens por meio de grupos com afinidades, já constituídos ou mapeados por algoritmos, e recebiam apoio de robôs para produzir uma tempestade nas redes³. Bibocas e multiplicadores vivos ou *bots*, arremessavam material nas redes para nichos mapeados pelas poderosas empresas que gerem mananciais de dados sobre milhões de usuários e seus perfis, permitindo que as

¹ Em artigo de 2017, o jornalista Dave Baren relata em "[Trump, os nerds do 4chan e a nova direita dos Estados Unidos](#)" como fóruns frequentados e alimentados de forma anônima por *nerds*, *gamers* e *haters* produtores de memes e digital *trash* se tornaram a vanguarda discursiva jovem da extrema-direita nos Estados Unidos contribuindo na eleição de Trump em 2016.

² O pesquisador da Universidade Federal do Fluminense, Viktor Chagas, em seu artigo "[A febre dos memes de política](#)", aponta a polarização ideológica acirrada pela guerra de memes produzida por indivíduos anônimos em seus computadores pessoais, o que estamos denominando de *bibocas digitais*. Outro estudo, do InternetLab, alerta para a dificuldade de rastreamento destes produtores camuflados, ferindo a legislação eleitoral: "['Santinhos', memes e correntes: um estudo exploratório sobre spams recebidos por WhatsApp durante as eleições](#)".

³ Em junho de 2019, foi instaurada uma CPI mista no Congresso para investigar o uso de robôs e as *fake news* durante o processo eleitoral. A CPI identificou linhas telefônicas de *WhatsApp* responsáveis pelo disparo de mensagens em massa. "[CPI chega a principais contas de disparo irregular de WhatsApp nas eleições](#)" das mais de 400 mil contas encontradas e banidas pelo aplicativo, pelo menos 55 mil eram consideradas suspeitas de uso por robôs.

mensagens alcançassem, na selva digital, os receptores corretos, sensíveis àquela pregação⁴. Cria-se, assim, uma trama que envolve micro-produtores locais e super-corporações globais, própria à nova "economia da atenção"⁵ e à transformação de nossa relação com imagens, narrativas e fatos, num regime de pós-verdade que tem alterado a natureza da política⁶.

O sistema atuou como uma verdadeira guerrilha cultural⁷ de *agitprop* da direita, conectando milícias meméticas com o capitalismo de dados das *bigtechs*, arremessando coquetéis-molotov na forma de projéteis visuais e reiteração de mentiras e ódio, que o campo progressista não soube compreender a tempo, e nem teve a capacidade de fazer frente⁸. Essa estratégia atuou na lacuna de controle público que nem mesmo experientes marqueteiros eleitorais, acostumados com a voracidade do meio publicitário, estavam preparados para detectar em tempo real. Enquanto PT, PSDB e partidos tradicionais estavam confiantes em armas pesadas, caras e centralizadas do marketing profissional e tempo abundante de TV, a artilharia ligeira de guerrilha na selva de comunicação alternativa das rede sociais amparadas por *bigdata* levou clara vantagem, com disparos frenéticos de

⁴ A conexão entre ambos era feita de forma comercial ou mesmo por roubo de dados, definindo perfis sociais, econômicos, religiosos e psicológicos de grupos de usuários para influenciá-los de forma mais efetiva. A empresa mais conhecida nessa atuação é a *Cambridge Analytica*, que atuou pelo Brexit, pela eleição de Trump e cujo método inspirou ações similares em todo o mundo, incluindo a eleição de Bolsonaro. Ver artigo de Arthur Ituassu et al. "[De Donald Trump a Jair Bolsonaro: democracia e comunicação política digital nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, e 2018, no Brasil](#)".

⁵ Vinícius Pereira e Andrea Hecksher, já em 2008, discutem em "[Economia da atenção e mensagens publicitárias na cultura digital trash](#)" se articulam.

⁶ Letícia Cesarino discute as relações entre mídias digitais, neoliberalismo e populismo de direita, o que denomina de "digitalização da política" no artigo "[Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética](#)".

⁷ Adotamos aqui uma variante da expressão "Guerra Cultural", consagrada por James Hunter, em *Culture Wars: The Struggle to Define America* (Nova Iorque, Basic Books, 1991), tendo em vista seu modo de operação descentralizada, camuflada e em rede, similar à tática militar das guerrilhas. Sobre a importação da matriz política e ideológica de Guerra Cultural norte-americana para o Brasil, um dos primeiros a apontá-la foi Pablo Ortellado, em artigo de 2014: "[A ascensão do conservadorismo: Guerras culturais no Brasil](#)".

⁸ Evidentemente que a vitória da extrema-direita em 2018 não é apenas fruto de estratégias discursivas e visuais e sua propagação em rede, tema deste artigo, mas de conjunturas internacionais e locais, em especial a aposta que as elites fizeram na oposição radical ao petismo-lulismo, levando-as ao bolsonarismo.

mensagens apelativas, preparadas por ativistas-gamers-combatentes da extrema-direita.

Neste artigo, analisaremos três tipologias do que denominamos *estética de combate*⁹ do bolsonarismo, bombas que eclodiram em 2018 e que consideramos emblemáticas para a compreensão deste regime discursivo e visual. São slogans textuais e visuais rápidos e diretos, com apelo autoritário e revanchista, pirateando o imaginário de *games* e filmes *blockbusters*, em especial de super-heróis, apresentando “novas razões”, paradoxais, que levam à cisão social, ao negacionismo, ao apelo ao extermínio e a narrativas delirantes conspiratórias e de ordem moral.

A primeira delas, a fábula do kit-gay e sua narrativa escatológica e discriminatória por meio da interpretação de discursos, imagens e objetos (como a mamadeira de piroca) que fulminaram o candidato e professor da Universidade de São Paulo, Fernando Haddad. A segunda é performática e de rua: escolhemos a encenação de Oscar Maroni Filho, dono do prostíbulo Bahamas, em celebração à prisão de Lula e a conhecida e terrível performance da exibição triunfal da quebra da placa em homenagem a Marielle Franco — ambas produzindo imagens que circularam freneticamente nas redes. A terceira e última tipologia abarca o universo mítico, violento e maniqueísta dos super-heróis e heróis de guerra e suas narrativas visuais de extermínio tropicalizadas para a campanha de Bolsonaro.

Percorrendo essas imagens e performances, pretendemos discutir como regimes de ódio, de comunicação e de visualidade entrelaçados, com seus sujeitos permanentemente excitados, produzem uma máquina de propaganda digital e uma *mística reacionária* que geram subjetivações assombrosas com eficácia política. Como explicou Jean Baudrillard (1978), ao interpretar a cultura de massas ainda nos anos 1960, trata-se de uma “lógica da fábula e da adesão” em que o consumidor não necessariamente acredita na literalidade do que vê, mas na

⁹ A inspiração aqui é a expressão “estética da guerra” utilizada por Benjamin no ensaio “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica”. Em *Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo, Brasiliense, 1985. Segundo Benjamin “todos os esforços para estetizar a política convergem para a guerra (...) e para a apoteose fascista” (p.195).

operação em si de fabulação que "se funda no interesse recíproco que as duas partes mantém". O receptor, assim, adere "a uma situação infantil interiorizada e se comporta de acordo com ela" (p. 275), como a criança que sabe que Papai Noel é uma fábula, mas aderir a ela dá acesso a um "sistema de recompensas" que "sancionam o compromisso". Esse regime narrativo se repete nas fábulas infantis, na cultura de consumo e na "demagogia política", com compensações e perversidades distintas. A operação chave ocorre quando "a realidade social é transformada de instância real em imagem, a primeira se diluindo atrás da segunda e tornando-se *ilegível*, numa *reciprocidade falsificada*" (p. 276) [grifos nossos]. É nessa mudança qualitativa que a lógica a princípio inofensiva da fábula transmuta-se em uma "*lógica da crença e da regressão*" (p. 275), muito mais perigosa e combativa, atuando na clivagem do que Freud e Reich associaram a uma psicologia de massas própria à ascensão do fascismo e do nazismo.

1. A vitoriosa saga da fábula do "kit gay" e da "mamadeira de piroca"

"Kit gay", "kit piroca", "kit homossexual", "kit pedofilia", e mais uma lista de denominações homofóbicas foram amplamente utilizados pela máquina de propaganda bolsonarista. A própria autoria do termo "kit gay" é atribuída a Bolsonaro quando, em 2011, passou a combater uma suposta campanha oficial para difundir a "ideologia de gênero" e "induzir crianças ao homossexualismo" nas escolas¹⁰. Em 2018, a extrema-direita bateu incessantemente em Haddad com essa narrativa, e as notícias sobre o suposto "kit gay" (que nunca existiu¹¹) ganharam manchetes e capas dos principais jornais e revistas do país. A velocidade com que essa pseudo-notícia era propagada a partir de aparentes evidências, como a do livro *Aparelho Sexual e Cia.*¹², sempre apresentado por Bolsonaro, deu

¹⁰ Cf. a matéria da Rádio Jovem Pan: "[O Haddad criou o kit gay](#)".

¹¹ Em entrevista ao Jornal Nacional. Ver "[TSE diz que "kit gay" não existiu e proíbe Bolsonaro de disseminar notícia falsa](#)".

¹² De autoria da escritora francesa Héliène Bruller e do cartunista suíço Zep. No Brasil, traduzido e publicado pela Cia. das Letras em 2007, o livro estava recomendado para adolescentes acima dos onze anos.

verossimilhança à falsificação. A eficácia da ação de guerrilha discursiva foi notória: em novembro de 2018, o site Congresso em Foco informava que 84% dos eleitores de Jair Bolsonaro acreditavam na existência do "kit gay"¹³. Algumas das matérias que vinham a público revelavam um material produzido de forma tão grosseira (Cf. imagem 1), que bastava um olhar atento para que se percebesse que algo estava fora do lugar, pois tratava-se de uma tática de "trollagem"¹⁴.

Imagem 1: Bolsonaro em entrevista ao Jornal Nacional em 2018; na direita, atacando Haddad em 2012.



Fonte: O Globo Online e Folha de São Paulo Online

O que há de fato é que, anos antes, enquanto Haddad ainda nem mesmo havia ocupado o cargo de Ministro da Educação (entre 2005-12), foi instituído o Programa Brasil Sem Homofobia¹⁵, de iniciativa não governamental, em parceria com entidades civis e ONGs, com o apoio do Governo Federal e a aprovação da Unesco. Havia a intenção de distribuir nas escolas apenas um caderno de orientação sobre o programa, destinado aos professores. Nenhum material até ali

¹³ Segundo [pesquisa da IDEIA Big Data/Avaaz](#), e mesmo 10% dos eleitores de Haddad acreditavam na mentira.

¹⁴ Especialistas em comunicação denominam essa estratégia com o termo *troll*. No início dos fóruns de internet, *Troll* ou "trolling", eram usados para pessoas que iniciavam discussões on-line apenas para criar tumulto. O termo teria surgido por ser uma palavra designada na pesca. Joga-se a isca, e o peixe morde. Provoca-se, e a confusão se inicia. Cf. a matéria: "[Inspirado nos EUA, Bolsonaro adota tática de troll: testar limites para ganhar visibilidade, diz filósofo](#)".

¹⁵ Cf. a publicação do Ministério da Saúde "[Brasil sem homofobia](#)".

foi proposto e muito menos distribuído diretamente para crianças. Então, como nasceu a polêmica? Em 2011, o então Deputado Jair Bolsonaro começou a divulgar que o livro *Aparelho Sexual e Cia.* fora distribuído para crianças de seis anos e seria "uma porta aberta para a pedofilia"¹⁶.

Em diversos vídeos entre 2011 e 2018, Bolsonaro e filhos aparecem indignados, geralmente aos berros, anunciando terem desvendado a "ditadura gayzista"¹⁷ que seria instaurada pelo PT. Também mentiram sobre a dimensão do fato, foram comprados apenas 28 exemplares pelo Ministério da Cultura, e não houve distribuição em massa pelo MEC nas escolas, como alegavam¹⁸. O extinto MinC, por meio da PNLD¹⁹ distribuía o material para bibliotecas públicas, mas, diante da confusão gerada, o programa foi paralisado e suspenso. Apesar de conduzida pelo MinC, a atribuição a Haddad foi uma estratégia calculada, tendo em vista seu crescimento político na eleição a Prefeito de São Paulo, em 2012. Os jornais, na época, criaram *factóides*, foram brandos e omissos na investigação, ao tratar do assunto com pouca clareza e favorecendo a ambiguidade²⁰. Suas manchetes não noticiaram o programa com o respeito e a importância que merecia, ao contrário, assumiram a alcunha do "kit gay" de forma jocosa, contribuindo para a impopularidade de Haddad.

Junto a esta construção fantasiosa, outras imagens ganharam força por meio de vídeos e fotografias, memes que foram veiculados diariamente, em que aparecem mamadeiras com um bico anatômico de borracha em forma de pênis (Cf. imagem 2). São as popularmente chamadas "mamadeiras de piroca", que foram

¹⁶ Em [vídeo realizado pelo site Nova Escola](#) no ano de 2016, as mentiras de Bolsonaro são analisadas e desmontadas frase a frase. A falsificação da história que tanto dano causou para a esquerda não era, assim, algo novo, imprevisível.

¹⁷ Parte desse discurso homofóbico sobre a suposta "ditadura gayzista" é um subproduto das falas de Olavo de Carvalho como se pode ver no vídeo "[Movimento Gay e Lavagem Cerebral](#)" em seu canal no *Youtube*.

¹⁸ Apenas 28 exemplares destinados à bibliotecas foram adquiridos pelo MinC. Cf. a matéria "[Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'](#)".

¹⁹ O Programa Nacional do Livro Didático é responsável pela compra e distribuição de materiais pedagógicos e literários em apoio aos professores.

²⁰ Notícia da Folha de S.Paulo "[Kit gay é suspenso após pressão](#)" faz referência ao material do programa como o "kit gay" e anuncia, inclusive, a preocupação com o futuro político de Fernando Haddad.

replicadas à exaustão na reta final de campanha presidencial de 2018. Surgiram modelos diferentes em tamanhos, formatos e cores. Em um dos vídeos, uma mão masculina segura uma dessas mamadeiras e diz:

Olha aqui ó, vocês que votam no PT, essa aqui é a mamadeira distribuída na creche; olha a marca aqui, ó, tá vendo? Distribuída na creche para o seu filho. Com a desculpa de combater a homofobia. Ó o bico como é, ó! Tá vendo? O PT e Haddad pregam isso prá seu filho, ó, para combater a homofobia. Tem que votar em Bolsonaro, rapaz. Bolsonaro que é prá fazer o filho da gente homem e mulher. O PT e Haddad, Lula, Dilma, só quer isso aqui para os nossos filhos, ó! Isso faz parte do Kit Gay, invenção de Haddad, viu?²¹.

²¹ O vídeo original publicado antes das eleições foi retirado do ar e republicado em 2019 por ativistas interessados em [O que fez bolsonaro ganhar as eleições - mamadeira de piroca forjou as eleições](#)

Imagem 2: As imagens com “mamadeiras de piroca” proliferaram a partir de 2018



Fonte: site E-farsas

As baterias da guerrilha de comunicação estiveram fortemente voltadas para esse "escândalo" perverso, procurando sua eficácia política, como ocorreu na campanha de Trump com o *Pizza Gate*²². A pizzaria Cometa em Washington, frequentada por políticos Democratas e artistas, foi anunciada como local de aliciamento de menores, tráfico de pessoas e pedofilia. O coordenador da campanha de Hillary Clinton e a própria candidata foram acusados de frequentarem o local e coordenarem a rede. A mentira grosseira, de natureza conspiratória passa a circular incessantemente pelas redes sociais e aterroriza uma parte da população norte-americana, induzindo o voto em Trump. Donos do restaurante foram ameaçados de morte e um sujeito armado tentou invadir a pizzaria alegando querer fazer uma "auto-investigação"²³ para libertar as crianças — acabou preso e condenado a quatro anos de prisão.

²² A *fake news* foi determinante para o resultado das eleições nos Estados Unidos. Cf. a matéria [Q-Anon, Pizzagate e as idiossincrasias das teorias da conspiração](#)

²³ Notícia veiculada à época pelo The Washington Post [N.C. man told police he went to D.C. pizzeria with gun to investigate conspiracy theory](#).

A insistência no "kit gay" e na "mamadeira de piroca" são versões do *Pizza Gate*, angariando ganhos políticos similares. No caso da mamadeira brasileira, o objeto grotesco e perverso ganhou por fim um sentido pop e tropicalista, ao se tornar, ironicamente, um adereço quase dadaísta de carnaval nos blocos de rua em 2019 — já tomando como fantasia lúdica de denúncia da *Fake News*²⁴ (Cf. imagem 3). Irritado com o assunto, Bolsonaro passa a atacar o carnaval como festa promíscua com seu famoso pronunciamento sobre o *golden shower*²⁵.

Imagem 3: Imagens do carnaval de rua em 2019 no Brasil com foliões usando as mamadeiras.



Fonte: Folha de São Paulo *Online*

O delírio da cruzada contra a "ditadura gayzista" tem fundamentos psicológicos, como os já estudados por Freud e seu discípulo William Reich. Em sua obra *Psicologias de massas do fascismo* (2019), um estudo pioneiro de 1933, Reich sugere que o impulso ao comportamento autoritário é sintomático da repressão da

²⁴ Sobre a apropriação popular e sua respectiva ironia, ver "[Crítica às fake news: Mamadeira de piroca vira febre entre foliões](#)".

²⁵ O vídeo original publicado antes das eleições foi retirado do ar e republicado em 2019 por ativistas interessados em [O que fez bolsonaro ganhar as eleições - mamadeira de piroca forjou as eleições](#). Em 2019, um dos divulgadores da farsa do "kit gay" nas redes sociais e apoiador da campanha de Bolsonaro, o militar Jorge Riguette, foi condenado a 12 anos e 11 meses de prisão em regime fechado por pedofilia e distribuição de pornografia infantil na internet. <https://www.viomundo.com.br/politica/militar-que-acusou-haddad-por-kit-gay-e-condenado-a-12-anos-por-distribuir-pornografia-infantil.html>

sexualidade infantil pela família e pelas instituições, e também de uma escolha ideológica antagônica à condição e aos interesses da classe trabalhadora. Esta, quando exposta a um ambiente de crise (econômica, moral etc.), acaba escolhendo o aprofundamento da ordem repressora e não o seu oposto, o socialismo e a liberdade. Ou seja, trata-se de uma "psicologia reacionária" (p. 17), derivada do "medo da liberdade" (p. 29) e fruto de um recalque da sexualidade — uma saída regressiva, que internaliza a ordem e a repressão como se fossem auto-impostas (pelo superego) e não socialmente construídas. Ou seja, a revolta contra os impulsos reprimidos não implode a ordem, a família, o capitalismo, mas reitera seus regimes de autoridade, controle e violência. O "kit gay", a "mamadeira de piroca" ou a "ditadura gayzista" podem ser compreendidos como dispositivos simbólicos falsificados que deflagram as pulsões de ódio, misoginia, homofobia, vontade de ordem e desejo bárbaro das massas em sua psicologia regressiva.

2. Teatro do opressor: duas performances ritualísticas de eliminação do "inimigo interno"

Analisaremos neste tópico duas "performances" da extrema direita em celebração à prisão de Lula e ao assassinato de Marielle. Nelas, Lula e Marielle são apresentados como os "inimigos internos"²⁶ a serem combatidos e mesmo exterminados pelos "cidadãos de bem"²⁷. Nos dois atos, os "cidadãos de bem", portadores da "autoridade moral" e que comandam o espetáculo de condenação e re-encenação de prisão e extermínio são: Oscar Maroni Filho, Daniel Silveira, Rodrigo Amorim e Wilson Witzel.

São performances de psiquismo regressivo e violência sádica, encenações em *pocket-shows* da política do ódio e suas perversões, revelam uma espécie de

²⁶ João Cezar de Castro da Rocha em seu recente livro *Guerra Cultural e Retórica do Ódio* (2021), destaca que "a ênfase na eliminação do inimigo interno é a essência mesma do bolsonarismo e da retórica do ódio".

²⁷ A expressão "cidadão de bem" passou a ser amplamente divulgada como o cidadão médio, pagador de impostos, com família tradicional constituída e eleitor da direita. Sua origem, ao que parece, é norte-americana, Cf. a matéria ["Cidadão de bem" era o nome do jornal da Ku Klux Klan](#).

catarse gozosa e mórbida da direita pseudo-moralista²⁸. A teatralização por eles encenada é um trabalho de fabulação e luta simbólica. São cenas de um teatro grotesco de opressores, o avesso do que Augusto Boal, por exemplo, propunha em seu *Teatro do Oprimido*, que exercitava ensaios de emancipação coletiva (2019, 1ª edição de 1975). Ali, reencenaram e reiteraram o poder de mando dos homens brancos e das elites sobre a história, sobre os corpos e sobre o destino do país – produzindo vídeos e imagens que circularam freneticamente pelas redes sociais em transe na celebração do inimigo aniquilado. Ambas as cenas têm caráter misógino e violento, e os "cidadãos de bem", candidatos nas eleições daquele ano, "contracenam" com mulheres subjugadas e vítimas de brutalidade. Freud (2011), ao tratar da psicologia de massas às vésperas da ascensão do fascismo, denominou essa pulsão de "forma primeva da sociedade humana", como "horda governada irrestritamente por um macho forte".

A primeira performance foi fotografada por Túlio Vidal. Nas duas imagens que aqui apresentamos (Cf. imagem 4 e 5), a cena se divide em dois níveis ou andares. No chão (pequeno palco cercado de gradil) ocorre a cena profana, erótica e sádica. Ali estão o empresário Oscar Maroni Filho, fazendeiro e dono da casa de prostituição Bahamas, fantasiado com macacão branco com listras pretas, de irmão metralha (ou petralha), e uma de suas trabalhadoras, seminua, agarrada sob o controle do patrão-presidiário, é exibida como presa (ou carne no mercado) para a multidão de homens que ali se aglomera com cerveja grátis para assistir a performance. Na parte superior da cena e da fotografia, em um estandarte, aparecem as imagens de dois juízes, Sérgio Moro e Carmen Lúcia, com a bandeira do Brasil reproduzida no canto inferior esquerdo. Ambos são homenageados como santos que livram o Brasil do mal e observam a cena do cafetão fantasiado de "petralha" agarrando a moça subjugada, com sinal de aparente aprovação. Logo acima do estandarte, não visível nesta foto, mas noutras, está o luminoso em neon do Bahamas, com suas palmeiras caribenhas, encimando os juízes.

²⁸ Tales Ab'Saber dá uma valiosa interpretação da psicologia das massas da nova direita brasileira em seu livro *Temer e o fascismo comum* (2018), em especial os capítulos "Crise e alucinose, anticomunismo do nada" e "A extrema direita hoje e o Brasil: modos de usar".

Imagem 4: Performance de Oscar Maroni diante do Bahamas em abril de 2018



Fonte: Catraca Livre

A trabalhadora aparece nas duas fotos, em poses diferentes, ambas sob controle simbólico e corporal. Na primeira, com rosto tampado pelo patrão, a calcinha arriada até metade da perna e o nu frontal protegido pelo fotografo com uma tarja preta – fragilidade diante da ameaça de estupro ou tortura à vista da multidão em êxtase assobiando e urrando. Na segunda imagem, a moça já deitada no chão, tem sobre ela o patrão, que passa a mão sobre seu corpo-objeto.

Oscar Maroni Filho é a figura que comanda o espetáculo. Além de empresário do Bahamas, Maroni é formado em psicologia e dono da fazenda Santa Cecília (santa que fez voto de virgindade e foi vítima de feminicídio, morta a pauladas pelo então prefeito de Roma). Sem pagar direitos trabalhistas, a fazenda foi a leilão público. Mas, na véspera, Maroni decide saldar a dívida "de modo

inteligente, no último dia", cancelando a venda forçada²⁹. Dada a baixa produtividade e a inadimplência fiscal, a Santa Cecília foi ocupada pelo MST cinco vezes – movimento que Maroni chama de "terrorista". O "magnata do sexo" já foi "condenado [a pena de 11 anos], esteve foragido e preso, acusado de formação de quadrilha e tráfico de mulheres". O STJ o inocentou, ao final, alegando que o empresário realiza no estabelecimento diversas atividades e que as trabalhadoras do sexo apenas frequentam o local, sem vínculo com o estabelecimento, que casualmente conta com 23 suítes de luxo para encontros íntimos.

Moroni fez campanha para o Bolsonaro e foi candidato a deputado federal em 2018 com o número 9069 e o seguinte *slogan*: "Brasília tá uma putaria, e de putaria eu entendo". Às vésperas da confirmação da prisão de Lula, Maroni ofereceu distribuir cerveja de graça em frente ao Bahamas, evento divulgado pelo MBL (que havia chamado o ato para defronte a um museu, o MASP, e o transferiu para o prostíbulo). Disse que ofereceria cerveja de graça por um mês se "matarem ele [Lula] lá na cadeia". Diante da pergunta: "e se for sofrida a morte?", ele responde: "aí eu dou o rabo"³⁰. No dia 6 de abril de 2018, confirmada a prisão, distribuiu mais de 9 mil cervejas e fez a performance diante do público.

²⁹ As informações biográficas apresentadas neste parágrafo e citadas entre aspas são do site [De Olho nos Ruralistas](#).

³⁰ Idem

Imagem 5: MBL convoca comemoração de prisão de Lula para frente do Bahamas, onde Maroni preparou seu show particular.



Fonte: Catraca Livre e Estadão

No estandarte, o juiz Sérgio Moro é santificado como entidade mágica da justiça, vingador moralista da luta contra a corrupção e da caçada particular contra Lula. Oscar Maroni, pelos serviços prestados, oferece ao juiz "acesso vitalício" ao prostíbulo. Já a juíza Carmen Lúcia, presidente do STF, deu o voto de minerva para autorizar a prisão de Lula, aprovando a prisão em segunda instância. Com isso, torna-se também heroína da Operação Lava-jato e do antipetismo. Na foto, o colar de pérolas, com três voltas no pescoço, penteado e cargo lhe dão o status de dama das elites, senhora da casa grande.

Maroni imagina estar encenando Lula preso, com o macacão metralha, mas ele encena a si mesmo. É o próprio cafetão que, tendo sido processado, foragido e preso, mantém negócio de legalidade duvidosa, sonega impostos e direitos trabalhistas, impõe e subordina a trabalhadora ao espetáculo grotesco. Estamos no campo da "razão cínica" e, para além da pós-verdade, no da "pós-vergonha", na

expressão de Hal Foster (2020)³¹ e do mau-caratismo de classe dominante. Lola Aronovich considera que a cena é "um retrato fiel do machismo, e mais uma prova de que como o golpe contra Dilma foi, e continua sendo, misógeno. O coro dos reações festejando é totalmente masculino"³².

Três anos depois, vale mencionar onde estão ou o que fizeram esses personagens. Moro, fragilizado pela divulgação de áudios no escândalo da 'Vaza-jato', desprestigiado na queda de braço interna ao governo, sem a vaga pretendida no STF, pede demissão em abril de 2020. Foi recentemente condenado pelo STF como juiz inidôneo no caso Lula. Em março de 2021, a Juíza Carmem Lúcia dá novamente um voto de minerva, mas em sentido oposto, desta vez declarando Moro juiz parcial, levando a acusação contra o ex-presidente à estaca zero e a Lava-Jato às cordas. Lula é libertado da prisão, retoma a ficha limpa e pode se candidatar à presidência. Na última pesquisa DataFolha (julho de 2021) aparece vencendo Bolsonaro com ampla vantagem (58% a 31% no segundo turno). Já Oscar Maroni não foi eleito deputado, teve votação pífia com menos votos do que cervejas distribuídas na festa grotesca. E o MBL agora faz oposição a Bolsonaro, tendo convocado ato de rua contra o presidente.

A segunda performance da "horda primeva", menos teatralizada, mas ainda mais violenta e mais bem sucedida na circulação das imagens, garantiu a eleição com votação surpreendente dos seus três protagonistas-algozes. Sobre o teto de um carro, em Petrópolis, uma semana antes das eleições, Rodrigo Amorim, Daniel Silveira e Wilson Witzel, empunham a placa quebrada em homenagem a Marielle Franco como um troféu. Silveira e Witzel estão com a camisa amarela "meu partido é o Brasil", o primeiro, anabolizado, faz poses e selfies, o segundo, ergue o punho e urra. Em fotos da performance, a placa partida é exibida por Amorim e, entre seus dois pedaços, aparece o rosto de Bolsonaro estampado na sua camiseta negra, como se o novo líder da direita, pela força de sua imagem, rompesse a placa e a

³¹ O historiador da arte Hal Foster discute a política e a estética norte-americana do 11 de setembro ao período Trump em seu último livro *O que vem depois da farsa? Arte e crítica em tempos de debacle* (2020).

³² Cf. Artigo em seu blog *Escreva Lola Escreva*. "[Homens de bem comemoram no puteiro a prisão de Lula](#)".

vida de Marielle. A necroperformance exala testosterona, anabolizantes e pulsão de morte – os machos primevos animam a horda.

Imagem 6: Daniel Silveira, Rodrigo Amorim e Wilson Witzel comemorando o ato da quebra da placa de Marielle.



Fonte: Estadão e Folha

Na performance de Amorim, Silveira e Witzel, a mulher subjugada não está presente nem em corpo nem em imagem, mas mediada por um objeto originalmente concebido como uma intervenção em sua homenagem: uma placa de rua, na qual Marielle é apresentada como "vereadora, defensora de direitos humanos e das minorias, covardemente assassinada". A placa fora colada originalmente sobre outra placa de rua, na praça Floriano Peixoto, na Cinelândia, no centro do Rio³³. De cima do carro, os três homens brancos celebrando a morte da mulher negra, gritam: "Acabou PC do B [comunistas], acabou PSOL [socialistas], acabou essa porra aqui [aponta para placa de Marielle], agora é Bolsonaro, porra!!!" No chão, a turba de camisas da seleção ressoa o urro: "Lula, ladrão, seu lugar é na prisão". Depois do ato, que lhe rendeu a eleição como deputado estadual mais votado no Rio, Amorim emoldurou a placa quebrada e a exhibe em seu gabinete ao lado de diplomas pessoais. Silveira, ex-PM que acumulou 60 sanções

³³ Ao menos no Brasil, um marco na utilização de placas como *détournement* ocorreu em 2004 quando ativistas adesivaram o nome do jornalista Vladimir Herzog, assassinado pela ditadura em 1975, em uma placa de rua, rebatizando a Avenida Roberto Marinho, em São Paulo, em ato do [Centro de Mídia Independente \(CMI\)](http://www.cmi.org.br) contra o oligopólio da mídia e seu maior expoente.

disciplinares e 80 dias de reclusão por mau comportamento, é eleito um dos 12 deputados federais do PSL pelo Rio. O então desconhecido juiz Witzel, que estava com 7% das intenções de voto, em uma semana após o ato, chega em 8 de outubro a mais de 40% dos votos.

Marielle, encarnada na placa, e novamente vítima de violência, é a encarnação do corpo insubordinado a ser combatido: mulher, negra, favelada, lésbica, ativista de direitos humanos, socialista, liderança política em ascensão. Ela, como inimigo interno intolerável, encarnaria tudo que a nova direita, em sua cruzada moral reacionária, odeia e considera ameaça. A encenação com a placa quebrada, uma nova imolação, remete aos rituais de violência sádica contra negros fugidos e capturados, chibatados nos pelourinhos. Os "*good citizens*" (lembramos, nome de jornal da *Ku Klux Klan*) sobre o carro e na plateia, participam de um "delírio ativo" em um ritual de "violência sádica" de sujeitos imbuídos da condição salvadores da pátria e da família, combatentes numa "guerra redentora" (AB'SABER, 2011).

Esses três heróis da extrema direita carioca, contudo, dois anos e meio após o ato que lhes rendeu notoriedade e votos, encontram-se em situação menos confortável. Rodrigo Amorim, autodenominado "soldado de Flávio Bolsonaro" (de quem foi candidato a vice-prefeito do Rio, em 2016), foi investigado e é acusado de receber sem trabalhar, além de acumular cargos ilegalmente como funcionário fantasma³⁴. Já Daniel Silveira, investigado no inquérito das *Fake News*, foi preso em flagrante em fevereiro de 2021 e mantido na prisão por unanimidade pelo STF por produzir vídeos com discurso de ódio, incitação de violência contra membros da Corte e apologia ao AI-5³⁵. A Câmara dos Deputados manteve a prisão de Silveira por 364 votos contra 130. O caso mais emblemático, contudo, foi o de Witzel. Em maio de 2020, o governador e sua esposa foram alvos da Operação *Placebo* da Polícia Federal. Em agosto, Witzel foi afastado do cargo de governador do Rio pelo STJ, acusado de crime de corrupção e desvio de dinheiro em contratações da

³⁴ Cf. "[Deputado estadual mais votado do RJ é alvo de ação, suspeito de ter sido funcionário fantasma](#)" e "[As histórias não contadas de Rodrigo Amorim, o deputado mais votado do RJ](#)".

³⁵ Cf. "[Por unanimidade, STF mantém prisão em flagrante de Daniel Silveira](#)".

Secretaria de Saúde do Rio durante a pandemia³⁶. Em abril de 2021, Witzel tornou-se o primeiro governador na história a perder o cargo por *impeachment*³⁷.

Em 14 de março de 2021, três anos após o assassinato, sem que ainda se saiba o mandante, é inaugurada uma placa oficial em homenagem a Marielle Franco, defronte à Câmara de vereadores do Rio de Janeiro, com presença do novo prefeito, familiares e amigos.

3.0 Capitão B: Bolsonaro como herói pirata da indústria cultural norte-americana

Na terceira e última tipologia que analisaremos, as narrativas visuais da estética de combate bolsonarista tomam como referência o universo maniqueísta do imaginário militarista, de *games* e de super-heróis do complexo militar-industrial-cultural norte-americano. Elas transformam o capitão insubordinado, que teve que abandonar a carreira militar por mau comportamento e tentativa de explosão de quartel, em um herói de guerra³⁸. Discutiremos dois grupos de imagens e suas fábulas narrativas: a do Bolsonaro como exterminador, armado e pronto para fuzilar inimigos; e a de Bolsonaro super-herói, em especial, na sua melhor encarnação como o Capitão América brasileiro, o Capitão B.

Na primeira sequência de imagens, vemos um Bolsonaro mimetizando o personagem Rambo (ou "Rambonaro", como também chamado por apoiadores). Trata-se de uma cópia da cópia, a ideia não é nova, mas derivada e degradada da propaganda de Trump. Rambo (interpretado por Sylvester Stallone), como se sabe, é personagem de meia dúzia de filmes, veterano de guerra, cuja missão é matar comunistas no Vietnã, Coréia e Afeganistão (onde se une, aliás, aos Talibãs).

³⁶ Cf. "[STJ afasta Witzel do cargo de governador do RJ; Pastor Everaldo é preso](#)".

³⁷ Cf. "[Witzel sofre impeachment e perde cargo de governador no Rio](#)".

³⁸ No livro *O Cadete e o Capitão* (2019), o jornalista Luis Maklouf reconstitui o julgamento de Bolsonaro no Tribunal Superior Militar em que era acusado de planejar um ataque a quartéis do exército, mas que apesar das provas contra ele, foi absolvido depois de um acordo em que, para não ser expulso, entra voluntariamente na reserva. "[Aversão de militares à imprensa ajudou a absolver Bolsonaro em 1988, diz autor de livro](#)".

Imagem 7: Memes de Bolsonaro e Trump “adaptados” como Rambos.



Fonte: <https://me.me>

A intervenção sobre a imagem original é um truque simples, conhecido de qualquer criança pequena: trocar as cabeças. No caso, com uma dissonância: a cabeça do Bolsonaro, um senhor de quase setenta anos (como Trump), colada num corpo de um macho-bombado primevo que segura uma bazuca poderosa. A pose de justiceiro indestrutível traz um forte apelo masculinista, fálico e letal, onde a representação da violência se dá sobretudo pelas posturas dos corpos segurando armas mortíferas. "*Make Brazil Great Again*" alude ao slogan da campanha trumpista, fonte de inspiração do bolsonarismo. A bazuca enorme, com sua cabeça destacada e volumosa, pronta a ejacular uma bomba, associada ao slogan de ficar "grande de novo" tem evidentes analogias falocêntricas e de virilidade.

Contraditoriamente, o símbolo de potência viril, dada a reencenação pirata, revela subserviência, uma autoridade falsificada e desprovida de identidade própria. Não há dúvida quanto à subalternidade neocolonial de Bolsonaro em relação a Trump, a novidade é que até no campo estético essa bajulação é gritante — e constrangedora. Aliás, ambos senhores sem nenhum histórico de serviços prestados a seus países, são retratados nessas e noutras imagens como heróis nacionais, destemidos e corajosos. As afinidades entre guerra e estetização da política já foram decisivamente analisadas por Walter Benjamin, indicando como "apoteose fascista" a estética da "guerra bela". Vejamos mais um "díptico" de Bolsonaro-Trump como heróis em campo de batalha (Cf. imagem 8).

Imagem 8: Ilustrações de Bolsonaro e Trump (original) retratados como heróis em campo de batalha.



Fonte: montagem com Bolsonaro extraída do site [Reddit](#); versão original com Trump no site [The Verge](#)

Desta vez, estão em trajes civis, de terno e gravata, sobre um tanque de guerra em movimento, com metralhadora na mão, olhar ativo no horizonte e enormes bandeiras ao fundo, como generais comandando um desembarque (na Normandia, na referência original). No horizonte, vemos explosões e fogos de artifício misturados, que completam a estetização da guerra. Acompanha o tanque uma águia, símbolo do poder americano, voando armada e metralhando. Na ilustração tropicalizada, em que bandeiras e cores foram alteradas (incluindo a gravata, que não pode ser vermelha), optou-se pela manutenção da águia — sinal, mais uma vez, de alinhamento e subalternidade.

A reedição da ilustração original é razoavelmente profissional em termos de qualidade gráfica. A autoria, no rodapé esquerdo, do ilustrador Jason Heuser, é apagada na versão bolsonarista, mais um sinal da pirataria. Heuser também trabalha com *silly art* (arte boba) e sátiras políticas, com destaque para sua série retratando ex-presidentes norte-americanos em cenas épicas (ou ironicamente épicas), carregadas de elementos fantásticos. Vejamos mais uma ilustração pirata e seu original (Cf. imagem 9).

Imagem 9: Ilustrações de Bolsonaro e outra de Bill Clinton (original), ironias com o presidente americano foram parcialmente suprimidas.



Fonte: site Limpinho e Cheiroso

Temos aqui um díptico Bolsonaro-Bill Clinton sobre escombros, atirando, com bandeiras enormes ao fundo e uma mulher aos seus pés. Para além das cabeças, bandeiras e assinatura do ilustrador, elementos curiosos foram substituídos ou suprimidos na versão tropicalizada. No cenário de fundo à direita, os escombros originais do enorme M amarelo do McDonald's e a Estátua da Liberdade dão lugar a uma bandeira do PT em chamas e esqueletos de prédios; à esquerda, vemos Ronald McDonald compondo a cena, também atirando, personagem ironicamente mantido na versão pirata. Nos personagens centrais, notamos que o saxofone de Bill Clinton (*blow-Bill-blow*, era um dos *slogans* da sua primeira eleição) foi substituído por uma bazuca e a mulher aos pés teve sua roupa tropicalizada com a camisa da seleção (uniforme da direita nas ruas), seguindo a estética "bolsogata"³⁹. Na ilustração original, a mulher representada é Monica Lewinsky, estagiária da Casa Branca durante o governo de Bill Clinton e, vale notar, o presidente foi representado com a braguilha aberta, em clara menção ao escândalo sexual (o *blow* aqui noutro sentido, de *blow-job*). O zíper da calça foi

³⁹ Sobre as Bolsogatas, cf. "['BolsoGatas' Belas e endinheiradas de São Paulo viram as 'Bolsolindas' em apoio ao presidenciável do PSL](#)"; [BolsoGatas \(@bolsogatas\) — Instagram](#) e [Bolsogatas — Facebook](#).

fechado na imagem bolsonarista, não deixando, porém, de reproduzir o estereótipo patriarcal de subalternidade feminina, retratando a mulher como uma figura inferior, frágil e servil que está necessariamente submetida às vontades e desejos — inclusive sexuais — do “homem justiceiro e corajoso”.

Saindo do universo militarista, analisemos agora imagens de Bolsonaro e sua trupe representados como super-heróis (cf. imagem 10). Talvez não seja coincidência que desde 2016, grande parte dos filmes de maior bilheteria no Brasil e no mundo eram de super-heróis. O imaginário de invencibilidade e a fábula maniqueísta desses filmes que embalam e adrenalina multidões passou a contaminar cada vez mais a política, como notou Alan Moore, importante autor de *graphic novels*, de super-heróis inclusive⁴⁰. Em 2018, ano da eleição, novamente sete das dez maiores bilheterias do cinema foram filmes de super-heróis⁴¹.

Talvez não seja coincidência que a primeira figura pública no Brasil nesses anos a ser exaustivamente encarnada em corpos de super-heróis, antes mesmo de Bolsonaro, tenha sido o juiz Sérgio Moro. O 'Super Moro', em capas de revistas e em bonecos infláveis, foi se consolidando como um dos justiceiros favoritos da extrema-direita ascendente. Seu inimigo, o ex-presidente Lula, é simultaneamente retratado não apenas como presidiário, pixuleco, como também um dos monstros mitológicos enfrentados por Hércules, a terrível Medusa (em capa famosa da Revista Veja, pirateando o quadro de Caravaggio)⁴².

Verificada a eficácia desse modelo de comunicação simplista e infantilizado dos super-heróis e vilões da cultura de massa transportados para a política — fenômeno previsto por Walter Benjamin há quase um século atrás, indicando afinidades entre o universo Disney e políticos midiáticos —, durante a campanha

⁴⁰ Em entrevista, Alan Moore afirma: "Pode ser coincidência, mas em 2016, ano em que os americanos elegeram uma laranja nazista e o Reino Unido votou para deixar a União Europeia, 6 das 12 maiores bilheterias do ano eram filmes de super-heróis. Não estou dizendo que uma coisa causou a outra, mas acredito que elas são sintomas de um mesmo problema – a negação da realidade e um apelo para soluções simplistas e sensacionais" ([Alan Moore Gives Rare Interview: 'Watchmen' Creator Talks New Project 'The Show', How Superhero Movies Have 'Blighted Culture' & Why He Wants Nothing To Do With Comics](#)).

⁴¹ Cf. "Os 10 maiores sucessos de bilheteria de 2018".

⁴² Disponível em "[Entre monstros e super-heróis: retratos dos principais atores da crise política de 2016 nas capas de revistas brasileiras](#)".

de 2018, Bolsonaro passou a ser incorporado em corpos com super-poderes. Os memes produzidos nas bibocas digitais de guerrilha cultural e com sua característica estética amadora da pirataria adolescente de "trocar as cabeças", proliferou Bolsonaro fantasiado com roupas, capas e escudos coloridos. As tentativas de "encaixá-lo" em um determinado super-herói nem sempre funcionaram, até que se definiu que, se para Moro caíam bem as roupas e pose de Super-Homem, para Bolsonaro, o melhor seria o Capitão América. Provavelmente a associação devido ao fato de Bolsonaro ser também um Capitão, ainda que um capitão acusado de ato terrorista e posto na reserva.

Imagem 10: Arte original do filme Capitão América e sua cópia pirata de Capitão Bolsonaro



Fonte: site da Amazon no Brasil

A transposição do Capitão A para o Capitão B nem sempre é bem executada⁴³. Não apenas cores e brasão de república no lugar da estrela americana

⁴³ A imagem de Bolsonaro aqui mostrada foi produzida por um designer denominado "[Sheipado](#)" que produz estampas de camisetas de direita e de rock. Esta montagem é um exemplo de dezenas

transformam o super-herói *pop* em um sub-herói *kitsch*, mas também a própria montagem revela-se um lado precário da pirataria, com a cabeça de Bolsonaro em tamanho desproporcional. Além disso, a máscara do Capitão original é retirada na falsificação, para mostrar o rosto do candidato.

Moro e Bolsonaro passam a ser repetidamente apresentados em manifestações como heróis, e estimulam uma família com outros parceiros super-heróis. Pegando carona nos grandes sucessos de bilheteria, forma-se assim uma "Liga da Justiça" verde e amarela, "Os Vingadores" de Brasília, ou ainda uma família de super-heróis representando os valores da família brasileira contra os vilões encarnados por Dilma-guerrilheira deposta, Lula-jararaca rumo à prisão, Haddad-pedófilo do kit gay.

Imagem 11: Uma "família de heróis" na pirataria verde-amarela.



Fonte: Quartz investments

de outras que encaixam a cabeça de Bolsonaro ao corpo do Capitão América e são difundidas em grupos de *Whatsapp* e redes sociais.

Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27710

É curioso notar que na família de super-heróis apresentados na imagem acima, na qual Sérgio Moro é o Super-Homem, Bolsonaro é Capitão América, General Mourão é Hulk, Joice Hasselmann é Mulher Maravilha, e o astronauta Marcos Pontes é Homem de Ferro, dois abandonaram o time da "luta contra o mal" e os outros dois seguem quietos e em geral insatisfeitos com a conduta do capitão, que mantém a liderança verborrágica e escatológica.

Não é casual que em 2019, o filme *Vingadores Ultimato*, da Marvel-Disney, ocupou 80% das salas de cinema no Brasil⁴⁴. Um público acostumado pela indústria cinematográfica a narrativas simples, cheias de efeitos especiais que explodem na tela em uma edição rápida seguida de grandes *close-ups*, foi adestrado também no campo da política a acreditar em soluções similares, mesmo sabendo que super-heróis não existem no mundo real. Depositar seu voto em um meme de candidato fantasiado de super-herói se torna uma solução perturbadoramente plausível em uma sociedade cuja imaginação política e elaboração narrativa foram transformadas no deserto do real do universo *blockbuster*. Se as super-produções norte-americanas abundam em efeitos especiais e virtuosismo técnico (a "compensação" pela "adesão à fábula", retomando Baudrillard), na narrativa real, no nosso caso, com cópias piratas degradadas e ainda mais assombrosas, somos impelidos a participar de uma trama de "filme B", encenada por um Capitão B.

⁴⁴ Cf. "[Vingadores Ultimato estreia ocupando 80% das salas de cinema do Brasil](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/)"

Imagem 13: Capitão B



Fonte: andreazevedodafonseca.com.br

Nos filmes de super-heróis, como histórias infantilizadas e gratificantes, destituídas de contradições e conflitos internos, ocorre "um processo dialético no qual, a despeito de qualquer esforço para construção de visões de mundo (propositais ou não), os espectadores só consomem o que reconhecem e desejam" (Martins, 2018). As afinidades entre a indústria capitalista de cinema e o fascismo em geral foram amplamente discutidas por Walter Benjamin, como mencionamos. Tal como o "camundongo Mickey", o "político profissional" faz cada vez mais uso da imagem reproduzida tecnicamente para chegar às massas (Benjamin, 1985). A indústria do cinema, por isso, estimulou nas massas "concepções ilusórias" e mobilizou seu "poderoso aparelho publicitário" para "corromper e falsificar seu interesse original" e sua "consciência de classe" (Benjamin, 1985, p. 185).

Não nos estendermos no conhecido argumento de Benjamin, relembremos que a câmara cinematográfica e a montagem permitiram reproduzir e falsear com realismo os procedimentos de "sonho coletivo e delírio psicótico", autorizando o cinema a "introduzir uma brecha na verdade" sobre o mundo. De certa forma, eleger e acreditar na figura do Capitão Bolsonaro como defensor do Brasil contra todo o mal é uma prática que a cultura de massas já promoveu antes, noutros tempos e com outros personagens, ao transmutar a pregnância da imagem heroica

em política de massas. Como já previra Benjamin (1985), a "estetização da política é a prática do fascismo", que embala a "auto-alienação" das massas a ponto de "lhes permitir viver sua própria destruição como um prazer estético" (p. 196).

Considerações finais

Essas três tipologias de *guerrilha cultural* e *estética de combate* que analisamos, configuram um campo visual e narrativo de acerto de contas da nova-direita com seus pesadelos persecutórios: do fantasma comunista novamente assombrando às pautas identitárias e de gênero que ameaçam a pátria e a família brasileira — fantasias de um mal-perversor que nunca se extingue e precisa novamente ser combatido com bala, bíblia, prisão, tortura e guerra simbólica.

Em nossa pesquisa de imagens que circularam em 2018 e municiam os ataques surpresa da extrema-direita no campo do imaginário simbólico, uma delas chamou a atenção pela sua força sintética na apropriação, mais uma vez, da visualidade *blockbuster* do cinema hollywoodiano, e a utilizamos como mote para a conclusão. Desde o primeiro filme, de 1999, a cena mais famosa de *Matrix* é a chamada de *bullet time*, tanto pela movimentação de câmara quanto pelo super *slow motion*, que cria uma outra temporalidade, retardando a velocidade das balas que alvejam o herói, até que ele consegue paralisá-las, ao reconhecer nelas a programação do sistema, cifra para destruí-lo. Nas propagandas de Trump usando cenas de *Matrix*, o imaginário é mais pobre e óbvio: o sistema é a mídia e as balas são as *fake news* contra ele. No caso de Bolsonaro, a encenação é mais ampla, veremos, além de outra analogia possível não assumida por Trump: tal como o personagem Neo (interpretado por Keanu Reeves), que é "o escolhido" e cumpre o papel de messias para libertar a humanidade da dominação estabelecida pela inteligência artificial, Jair Messias é o enviado para estourar o sistema instalado no Brasil desde a redemocratização e que perverteu nossa sociedade.

Imagem 14: Bolsonaro, como Neo, barra as balas-ameaças do sistema contra os libertários, em imagem retirada do segundo filme da série, *Matrix Reloaded*, de 2003.



Fonte: Canal Tech

A rajada de balas que ele consegue paralisar é sobreposta pelos seguintes agentes que compoariam o sistema de opressões e paranoias que afligem os "cidadãos de bem": marxismo cultural, alta carga tributária, esquerda caviar, assistencialismo, PT, impunidade, esquerdista militonto, politicamente correto, PSOL, desarmamento, PCdoB, mídia esquerdista, N.O.M. (nova ordem mundial), MST, drogas, idiotas úteis, maconheiros, corrupção, Foro de São Paulo, comunismo, cotas, ecofascismo, neo-ateísmo, revolução, feminismo, LGBT e professor marxista.

Tal como Neo, Bolsonaro e a extrema-direita, suspeitavam de que havia uma forma oculta de controle do sistema e de nossas vidas que precisaria ser

desvendada e destruída. Bolsonaro, como Neo, um *nerd* até então anônimo, é "descoberto" como o "enviado" pelas forças de resistência e seu líder intelectual e militar, Morpheus, o Deus do Sonho na mitologia grega, e que dá origem ao nome do opiáceo morfina. Em outras imagens, Olavo de Carvalho é representado como Morpheus (cf. imagem 15), que, como no filme, apresenta a Bolsonaro e seus seguidores a opção de escolha entre duas pílulas: a azul (que manteria o personagem no mundo de ilusões) e a vermelha (que o levaria a lutar pela verdade e a destruir o mecanismo distópico). Tal como Neo, a escolha é pela pílula vermelha (nesse caso, a cor pode ser lida ao contrário, pois o vermelho é a cor do Republicanos nos EUA e azul, dos Democratas).

Sendo treinado pela resistência, Neo-Bolsonaro reingressam no sistema para procurar implodi-lo. O oráculo (a mídia?), contudo, não confirma que ele seria o messias, mas Neo revela ao fim ser o enviado capaz de destruir o regime de opressão instalado (no caso de Bolsonaro, a hegemonia política e cultural da esquerda desde o fim da ditadura militar). Bolsonaro, como Neo, é alvejado e quase morre em meio a luta, como na facada em campanha — e depois disso, percebe seu poder para visualizar o sistema e tudo que está por trás dele, a ponto de paralisar o tempo, as balas, e impor uma nova leitura do real. Aos poucos, descobrimos que Neo-Bolsonaro foi criado pelo Arquiteto do sistema como um elemento depurador das realidades virtuais para que a dominação seja ainda mais eficaz.

Imagem 15: Ilustração em camiseta com Olavo como Morpheus e imagem de chamada de fala do guru bolsonarista sobre *Matrix*



Fonte: Direita Store e canal de Olavo de Carvalho no Youtube

A história do filme, regada a zilhões de balas e lutas em estilo de *game* de ação, guerra e adrenalina, se permite essa leitura, permite muitas outras, mais progressistas, por certo — que não nos cabe aqui apresentar. O uso indevido do filme em *tweets* da extrema-direita, de Ivanka Trump e Abraham Weintraub, rendeu resposta das diretoras (ambas transgêneros, aliás): "*fuck you*".

Olavo de Carvalho, em fala sobre o filme a bolsonaristas, aborda o princípio da "falsificação da verdade". Diz ele: "*Matrix* é uma falsificação integral do mundo, tão completa que é impossível [que exista]. Toda falsificação tem que se basear num fundo de verdade. Ninguém pode ser enganado 100%. Enganar é tomar a falsidade por verdade. Se não existe verdade nenhuma, não há como tomar a falsidade por verdade. Enganar 100% é algo contraditório. O Diabo diz a verdade nove vezes para poder mentir melhor na décima"⁴⁵. Talvez esteja aí, proferida por Olavo-Morpheus, a fórmula da fabulação diabólica dos regimes de ódio delirantes na guerra cultural da extrema-direita. Foi assim, do kit-gay ao Capitão B, que alguns indícios reais permitem um "fundo de verossimilhança", como explica Olavo, para uma falsificação efetiva.

⁴⁵ Esta e outras afirmações do gênero estão disponíveis em "[Olavo de Carvalho critica o filme Matrix : "Uma besteirada. Não consegui ver mais de 15 minutos"](https://www.youtube.com/watch?v=...)".

Além da capacidade de falsificar e mentir, a extrema-direita avançou noutro campo, o de "assombrar e transgredir", em geral associado a um certo caráter progressista e libertador da arte. A transgressão libertária parece estar sendo "usurpada pela direita", afirma o crítico de arte Hal Foster (2020), mas a favor da ordem, ou melhor para celebrar o "retorno à ordem" repressora, no sentido de Reich, clamando por reação — neste sentido, uma *transgressão reacionária*. É, assim, a favor da restauração dos valores morais do patriarcado, do conservadorismo, do poder das elites brancas e proprietárias, transfiguradas em super-heróis por meio de montagens mais ou menos precárias, incompetentes e imaginativas. Heróis de uma fábula que incide no real, que representam a "libertação", estimulam a catarse dos que se desvencilham das ameaças representadas por partidos e movimentos sociais, corpos e práticas das esquerdas, de negros, mulheres, gays, indígenas etc.

Compreender as estratégias de comunicação, simbolização e paranoias de parte da população brasileira (e mundial) certamente será tarefa importante para a reinvenção da política progressista e sua capacidade de estimular a imaginação para a transformação social. Para tanto, superar as narrativas simplistas, maniqueístas, falsificadoras, preconceituosas, também é um desafio para o campo da esquerda. Ou, em 2022, embarcaremos numa guerra política e cultural rebaixada e maniqueísta, entre messias e vilões?

Referências bibliográficas

AB'SABER, Tales. *Temer e o fascismo comum*. São Paulo: Hedra, 2018.

BAUDRILLARD, Jean. Significação da Publicidade. In: COSTA LIMA, Luiz (org.) *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BENJAMIN, Walter. no ensaio. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Dossiê Guerras Culturais – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 –v. 24, n. 2, 2021

DOI: 10.29146/ecopos.v24i2.27710

BOAL, Augusto. *O Teatro do oprimido e outras políticas*. São Paulo: Editora 34, 2019.

FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa? Arte e crítica em tempos de debacle*. São Paulo: Ubu, 2020.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análises do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Cia das Letras, edição kindle, 2011, capítulo X.

MARTINS, C. D. Aspectos da individualidade em personagens de super-heróis: perspectivas sociológicas e o caso do capitão américa. *Plural*, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 202-225, 2018. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2018.148915. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/148915>. Acesso em: 15 out. 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro da. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio*. Goiânia: Ed. Caminhos, edição Kindle, 2021.

REICH, William. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.